

SABER
CONVERSAR
NA ERA DA **IA**:

(SØBRE)VIVER NA
TECNØAFETIVIDADE

Amostra

Amostra

SABER CONVERSAR NA ERA DA IA:

(SØBRE)VIVER NA
TECNØAFETIVIDADE

LAURA TRACHTENBERG HAUSER



V
ACTUAL

Saber Conversar na Era da IA

Copyright © 2026 Actual

Actual é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA.)

Copyright © 2026 Laura Trachtenberg Hauser

ISBN: 978-65-83400-43-7

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H377s
Hauser, Laura Trachtenberg.
Saber conversar na era da IA: (sobre)viver na
tecnofetividade / Laura Trachtenberg Hauser. – 1. ed. –
Rio de Janeiro: Actual, 2026.
200 p. ; 15,7 x 23 cm.
ISBN 978-65-83400-43-7
1. Inteligência artificial. 2. Comunicação. 3.
Comportamento social. 4. Tecnologia digital. I. Título.
CDD 519.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Inteligência artificial: comunicação e comportamento 519.7

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtora Editorial: Rita Motta

Revisão Gramatical: Luna Bolina e Erika Alonso

Diagramação: Roberto Maia

Capa: Roberta Nunes



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

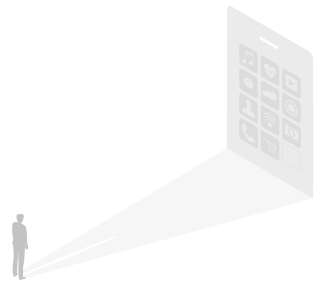
Editora
afiliada à:



Amostra

Aos meus afetos.

Amostra



SUMÁRIO

Prefácio.....	9
Introdução.....	13
Como funciona este livro?.....	19

PARTE 1 – DESVENDANDO A TECNOAFETIVIDADE:

ONDE ESTAMOS?	23
Conversa: a tecnologia que nos fez humanos	24
Entre a conversa e a não-conversa: o paradoxo da alteridade	28
Por que o medo da Inteligência Artificial?	32
Espelhos digitais: como a IA amplifica nossos vieses	43
A indústria do conflito: por que as redes nos inflamam?	50
Paradoxos TecnoAfetivos: consequências para pessoas, organizações e sociedades	56
Paradoxo TecnoAfetivo nº 1: solucionismo tecnológico × desencantamento tecnológico	58
Paradoxo TecnoAfetivo nº 2: conhecimento ilimitado × filtros-bolha	63
Paradoxo TecnoAfetivo nº 3: conexões infinitas × relações líquidas	76

PARTE 2 – SABER CONVERSAR NA ERA DA IA:

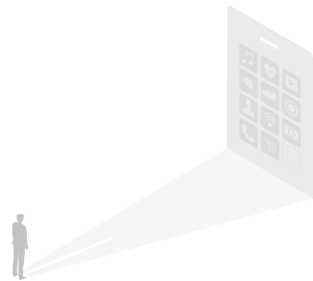
COMO “SER MUITO BOM EM SER HUMANO”?	85
A pergunta mais urgente: o que é “ser humano” na Era da IA?	86
O grande paradoxo TecnoAfetivo: ser humano × ser máquina	102
O futuro da liderança: além dos algoritmos	108

8 Saber conversar na Era da IA: (sobre)viver na TecnoAfetividade

<i>Bug</i> no sistema: sejamos seres humanos únicos.....	119
Saber conversar na Era da IA: ir além da <i>hashtag</i>	127
Dicas práticas (e humanas) para conversas difíceis	140

PARTE 3 – (SOBRE)VIVER NA TECNOAFETIVIDADE:

COMO COCR-IA-R?	149
Ética TecnoAfetiva: a conversa mais difícil (e mais necessária).....	150
(Re)imaginar futuros: o inegociável como bússola	161
Cocr-IA-r: colocar a imaginação em prática.....	169
Conclusão: e se...?.....	183
Epílogo: Como a IA me ajudou a escrever este livro?.....	187
As vozes dos nossos diálogos.....	193
Um agradecimento TecnoAfetivo	198
Agradecimentos (apenas) afetivos	199



PREFÁCIO

Como você explicaria para um ET o que é ser humano? Essa é uma das tantas reflexões que você vai encontrar neste livro. Um livro que o convida para uma boa conversa e que merece toda a sua atenção. Afinal, como escreve a autora, nada se constrói sem uma boa conversa.

O tema de *Saber conversar na Era da IA* não poderia ser mais relevante. Como Laura nos lembra, vivemos um risco enorme diante da eficiência algorítmica. Ao projetarmos sobre as relações humanas a expectativa de previsibilidade e conveniência das máquinas, estamos perdendo a habilidade de conversar, de dialogar, de conviver e de lidar com o imperfeito. De lidar com aquilo que traz fricção e desconforto.

É nesse contexto que Laura nos oferece uma bússola para (sobre)viver na TecnoAfetividade. O livro é resultado de uma investigação cuidadosa, que combina profundidade acadêmica — de uma historiadora e mestre em sociologia pela Sorbonne, doutoranda em comunicação e semiótica pela PUC-SP e pesquisadora na área de IA, comportamento e ética — à experiência prática de uma curadora e consultora em inovação, que atua com lideranças de grandes empresas.

Em outras palavras, Laura é deliciosamente *nerd*. Sabe ser leve e profunda, provocadora e divertida, complexa e acessível. É generosa em compartilhar seu conhecimento e corajosa em mostrar suas fragilidades e rir de si mesma. Como curadoras do KES, dividimos o palco e as angústias em entregas de projetos exigentes. Laura é a

companhia ideal para uma boa conversa — ou para uma conversa difícil — seja para falar de Espinosa ou de um *feed* carregado de lontras e gatos. (Quem já assistiu às suas palestras sabe disso.)

Esse jeito de experimentar o mundo está refletido na forma como ela aborda o conteúdo nada óbvio deste livro, com estudos, pesquisas e casos práticos, citando grandes pensadores, filósofos e autores, em uma seleção primorosa de referências. Laura também traz para a roda a autoridade de um time de especialistas com suas visões plurais, o que só enriquece o debate.

A obra é mais do que um manual sobre o impacto das redes sociais e da IA nas nossas relações. O livro traz sugestões práticas, como dicas para ter conversas difíceis e um *framework* sobre quando uma conversa realmente vale a pena. Também aponta caminhos para reimaginar, por meio da cocr-IA-ção, realidades mais gentis e justas.

Ao contrário da lógica algorítmica que reforça nossas crenças, este é um chamado a abrir espaço para o diferente, para a falta e para o que não gostamos em nós mesmos. É sobre duvidar das próprias certezas, repactuar o que é inegociável e aceitar que o que realmente importa não pode ser automatizado, padronizado ou homogeneizado — como nossos afetos e as conexões humanas.

Como jornalista, curadora e pesquisadora sobre inovação e os impactos da tecnologia — e, sobretudo, como mãe — tenho pensado muito sobre nossa responsabilidade diante da vida. Diante do que não é controlável ou previsível, o que realmente está em nossas mãos é a escolha de agir com intenção, passando pela disposição de conhecer a si mesmo, reconhecer o outro e saber ouvir. Habilidades importantes destacadas neste livro para encarar situações conflituosas e inflamadas, tão recorrentes hoje em dia.

A forma como respondemos à vida indeterminável é fruto de algo singular aos humanos: nossas experiências, nossas falhas, nossas emoções e os afetos que nos moldam. É também uma dose de coragem inexplicável que nos faz seguir em frente, mesmo diante da incerteza e da ausência de respostas.

Como leitora e grande admiradora da autora, tenho certeza de que este livro vai gerar muitas conversas importantes. Laura lança um olhar crítico, mas cautelosamente esperançoso, para o fato de que, ao abrir mão do pensamento linear, binário e algoritmizado é possível, em conjunto, navegar com mais destreza por terrenos incertos.

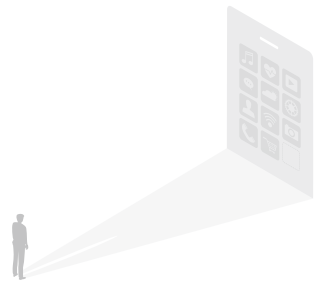
Ser humano, afinal, “é ir além de nós mesmos”. Ou, como Laura sugere, “é ter muitos afetos, convenientes ou não. É perceber como afeto o mundo e como ele me afeta”.

Que você encontre nessa leitura tão necessária uma ótima conversa!

Mari Castro

Editora-chefe da Fast Company Brasil e
head de curadoria do KES

Amostra



INTRODUÇÃO

Você sente que está cada vez mais difícil conversar?

Aquele jantar familiar regado a telas, discussões políticas inflamadas por *hashtags* e demissões que se resumem a um e-mail.

É por isso que resolvi escrever este livro. Porque percebo diariamente nossa dificuldade de conversar e vejo como estamos mais polarizados e raivosos. E isso não apenas quando (tentamos) falar sobre política ou polêmicas. É como se todo e qualquer assunto se resumisse a uma lógica dualista: estou certo e você errado; um é bom e o outro é ruim; essa escolha é melhor e a outra, pior.

Como pesquisadora na área de Inteligência Artificial, tecnologias comunicacionais digitais, comportamento e ética, percebo que as redes sociais e os algoritmos estão potencializando esse pensamento binário, não só no âmbito das relações pessoais, mas também no cenário corporativo. Aliás, veremos adiante como os impactos da polarização nos negócios vão muito além do aumento de tensões: desde a queda da diversidade cognitiva e, portanto, da inovação, até sequelas na reputação da empresa, levando a grandes prejuízos.

Durante minha carreira, fui muitas coisas: mediadora cultural, assessora política, pesquisadora de tendências, professora, consultora... Essas experiências me permitiram circular pelos mais diversos contextos: trabalhei em conjunto com universidades, grupos ativistas, ecossistemas globais de inovação e instituições governamentais e privadas brasileiras e estrangeiras. Estou contando isso, pois acredito que meu percurso profissional explica minha urgência e minha vontade de publicar este livro.

Depois de transitar por tantos lugares diferentes, percebi que sempre me deparava com o mesmo desafio: a dificuldade das pessoas em ter conversas difíceis, transparentes e bem embasadas sobre um assunto complexo. Era notável a diferença entre o silêncio constrangedor em reuniões institucionais — nas quais claramente havia um (ou mais) “elefante na sala” que não era citado por nenhuma das partes — e, em contraponto, a agressividade e os “gritos” nas redes sociais.

Esse estado de “não-conversa” não é recente. No entanto, vivemos um momento sem precedentes: as tecnologias de comunicação digitais permeiam profundamente nossas relações, nossos afetos, nossas emoções...

Você já sentiu muito ódio por alguém que nem conhecia em alguma rede social? Já entrou em alguma discussão desnecessária on-line? Já fez um novo amigo por lá? Já se emocionou ou se divertiu com alguma postagem?

Estamos na Era da TecnoAfetividade, em que nossos afetos — sejam construtivos ou destrutivos — são mediados pela tecnologia. Essa dinâmica impacta diretamente as relações humanas, redefinindo como e com quem interagimos:

- Conversas que antes aconteciam off-line agora são mediadas pelas redes sociais, tanto nas relações pessoais quanto no trabalho, inclusive sobre assuntos de máxima importância.
- A linguagem passa a ser moldada pela tecnologia (você sabia que algumas pessoas já escrevem com o mesmo “jeito” do ChatGPT?).
- O ambiente on-line se torna o principal facilitador de novas conexões: cada vez mais, as pessoas se conhecem em plataformas, redes sociais e aplicativos de namoro, sustentados por algoritmos e IA.
- A conveniência tecnológica transforma nossas expectativas para a vida off-line: à medida que tudo acelera, nossa paciência diminui (quanto tempo você topa esperar por um Uber, hoje? Você escuta áudios de WhatsApp em qual velocidade?).

- A IA começa a assumir o papel de alteridade, o lugar do outro humano, atuando como companheira, parceira amorosa, terapeuta ou amiga. Essa tendência, que ganha espaço no Brasil e no mundo, adiciona uma nova camada de complexidade à nossa relação com a tecnologia.

A TECNOAFETIVIDADE É RUIM?

As tecnologias de comunicação digitais nos possibilitam um universo de conexões: milhares de pessoas ao alcance de um *add*, desde amigos de infância até aquele contato profissional. Relação a distância? Trabalho em *home office*? Não tem problema! Basta uma chamada de vídeo. Está se sentindo solitário, não tem com quem conversar? Um *bot* está 24h à sua disposição.

Tudo isso é maravilhoso? Facilita a nossa vida? Por um lado, em muitos aspectos, sim. Já por outro lado, estamos vivendo uma grave epidemia de solidão e empobrecimento comunicacional, tanto nas relações pessoais como profissionais.

Neste livro, busco entender e explicar esse contexto para saber navegá-lo melhor a partir de uma de nossas maiores ferramentas evolutivas: a conversa. Principalmente aquelas que são difíceis, que tocam fundo na gente, que envolvem valores e que entram em conflitos (sem os quais, aliás, não podemos nos desenvolver).

O intuito é compreender e analisar criticamente as transformações que vêm ocorrendo em nossa capacidade de conversar em um mundo dominado pelas tecnologias de comunicação digitais — não para fazer julgamentos, muito menos para reproduzir clichês saudosistas.

Deixando claro: este não é um livro tecnofóbico (que tem medo da tecnologia). Pelo contrário, é um livro que visa ajudar o leitor a transitar pela TecnoAfetividade de maneira mais responsável. Inclusive, ao final do livro, explico como a Inteligência Artificial me ajudou a escrever estas páginas.

Do que falamos quando falamos de afeto?

Parece simples, mas não é. Não por acaso, diversos autores e filósofos refletiram sobre o que é o afeto e quais são seus impactos em nossa vida.

Para Espinosa, por exemplo, o afeto vai além da emoção ou do sentimento: implica uma variação na potência de agir de um corpo, causada pelo encontro com outro corpo ou ideia¹. Ele não entende o afeto como algo que transcende nossa realidade física, mas como uma mudança real na potência de existir, que pode aumentar (alegria) ou diminuir (tristeza) nossa capacidade de ação.

Simplificando: quando encontro alguém que amo, isso me faz bem e aumenta minha potência, ou seja, minha capacidade de ação, minha alegria. Se vejo uma notícia ruim no Instagram, isso me deixa triste, com raiva e frustrada, diminuindo minha potência, minha capacidade de agir no mundo.

Assim, compreendo o afeto como nossa capacidade de afetar e ser afetados pelos encontros com o mundo, de nos conectar, sentir e impactar a realidade. Esses encontros podem ser com qualquer coisa: de pessoas a obras de arte até *memes* e comentários em posts no Instagram.

Tudo nos afeta, e o que fazemos afeta o mundo. Ter consciência e saber usar isso a seu favor em larga escala, como acontece na esfera digital, é um enorme poder.

Desse modo, a TecnoAfetividade impacta a todos, pois está transformando nossa maneira de nos comunicar, de nos relacionar e de “ser humano”.

Falamos tanto sobre a necessidade de letramento digital e tecnológico nas instituições e, às vezes, esquecemos que também é urgente aprendermos como conversar e escutar.

¹ DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

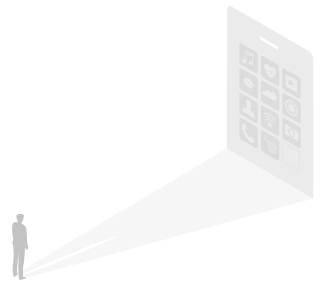
As tecnologias de comunicação digitais só nos ajudarão a atingir nossos objetivos comuns se soubermos refletir e conversar sobre o que importa com honestidade e pensamento crítico.

Caso contrário, não viveremos em uma era de evolução, mas de **dominação**.

Sei que não é fácil, nem confortável, mas a gente precisa conversar...

Amostra

Amostra



COMO FUNCIONA ESTE LIVRO?

Não tenho a pretensão de que esta seja uma obra acadêmica, tampouco de trazer respostas definitivas. Muito pelo contrário: meu objetivo aqui é levantar perguntas e compartilhar reflexões que provoquem, inquietem e inspirem. A ideia é ajudar a democratizar conceitos sobre Inteligência Artificial e tecnologias de comunicação digitais que, embora muitas vezes circulem apenas em bolhas acadêmicas ou especialistas, já impactam — e muito — o cotidiano de todos.

Este livro é um convite a olhar com mais atenção para o momento em que vivemos, entender suas camadas e contradições, e imaginar juntos como podemos viver melhor neste novo cenário. Mais do que isso, é um chamado para cocriar realidades mais éticas, mais humanas e mais conscientes. Não apenas para nós, seres humanos, mas para todo o ecossistema do qual fazemos parte.

Por isso, proponho uma jornada dividida em três partes:

PARTE 1 - DESVENDANDO A TECNOAFETIVIDADE: ONDE ESTAMOS?

Nesta primeira parte, vamos olhar para o contexto atual. O que é a TecnoAfetividade? Por que nossas relações e conversas estão tão inflamadas, fragmentadas e rasas? Que papéis desempenham a IA e as redes sociais nesse cenário? Aqui, destrinchamos os conceitos fundamentais que nos ajudam a entender o mundo em que estamos inseridos.

PARTE 2 – SABER CONVERSAR NA ERA DA IA: COMO “SER MUITO BOM EM SER HUMANO”?

Se a tecnologia está cada vez mais presente em nossas rotinas e em nossos afetos, o que significa, afinal, ser humano nesse contexto? E mais: o que significa “ser bom em ser humano” na Era da IA? Nesta parte, exploramos os diferenciais humanos que se tornam ainda mais urgentes.

PARTE 3 – (SOBRE)VIVER NA TECNOAFETIVIDADE: COMO COCR-IA-R?

Por fim, esta parte foca na ação. Como podemos tangibilizar os aprendizados e transformá-los em práticas reais? Como desenhar uma ética que esteja à altura do nosso tempo — e, a partir dela, (re)imaginar futuros possíveis? De que modo podemos usar a conversa como ferramenta de reconstrução e cocriação de realidades mais justas, mais gentis e mais sustentáveis?

Este livro é uma conversa. E, como toda boa conversa, ele está aberto: ao questionamento, à troca, ao desconforto criativo e à possibilidade de imaginar, juntos, caminhos novos.

Além disso, vale ressaltar que ainda não existem teorias definitivas sobre a IA. Estamos em pleno processo coletivo de produção de conhecimento. Divergências são naturais e bem-vindas. Aliás, talvez eu mesma não concorde com o que escrevi daqui a algum tempo e é libertador saber disso.

MOMENTOS ESPECIAIS

Ao longo deste livro, você vai se deparar com alguns momentos especiais. Eles não são meras pausas na leitura, mas convites para ampliar o olhar, sair do automático e mergulhar mais fundo na complexidade do nosso tempo TecnoAfetivo. Cada um deles foi pensado com um propósito: provocar, informar, conectar.

DIÁLOGOS TECNOAFETIVOS

Entrevistas exclusivas com especialistas, pensadores, líderes e intelectuais — pessoas de diferentes áreas, origens e visões de mundo. A ideia é justamente essa: colocar vozes diversas em diálogo (inclusive, vozes que discordam da minha). Porque um livro que fala sobre saber conversar precisa ser, também, um espaço de escuta.

Ao final deste livro, você poderá conhecer um pouco mais sobre as pessoas que enriqueceram nossos diálogos com suas vozes e experiências.

CASES TECNOAFETIVOS

Exemplos concretos do que estamos discutindo. São histórias, situações e acontecimentos que mostram, na prática, como a TecnoAfetividade se manifesta no cotidiano de pessoas, organizações e comunidades. Para ancorar as ideias no mundo real.

PARÊNTESSES TECNOAFETIVOS

Aqui você encontra explicações simples de conceitos-chave que ajudam a entender melhor o cenário em que vivemos. Nada de jargões: a proposta é tirar esses conceitos das bolhas acadêmicas e colocá-los na roda, onde eles realmente fazem diferença.

MOMENTOS GPT

Momentos em que recorri ao ChatGPT 4.0 para me ajudar a explicar melhor um conceito, organizar ideias ou explorar outras formas de dizer algo. O objetivo não é delegar o pensamento (nem a autoria!), mas, sim, mostrar como a IA pode ser uma parceira de criação quando usada com criticidade e intenção. Esses momentos são também uma maneira de viver na prática a TecnoAfetividade: unir o humano e o tecnológico para criar algo novo, com consciência e afeto.

DICAS TECNOAFETIVAS

Sugestões de livros, estudos, podcasts, TEDs, filmes, obras de arte e outras referências para quem quiser se aprofundar nos temas do livro. Um convite para continuar a conversa além destas páginas, no seu tempo, do seu jeito.

PERGUNTAS TECNOAFETIVAS

Questionamentos importantes que revelam a complexidade de nosso momento, para os quais provavelmente não teremos respostas exatas e que devem ficar conosco durante nossas reflexões.

Esses momentos funcionam como janelas que se abrem ao longo do caminho, permitindo que o leitor entre, saia, respire, pense, conteste, conecte e, sobretudo, cocrie.

PARTE 1

DESVENDANDO A **TECNOAFETIVIDADE:** ONDE ESTAMOS?





CONVERSA: A TECNOLOGIA QUE NOS FEZ HUMANOS

“Só os seres humanos usam a linguagem verbal, algo que nos torna únicos entre todos os animais”, explicou Maggie Tallerman², professora de linguística da Universidade de Newcastle, em uma entrevista para a BBC em 2019.

Hoje, já não é mais assim. Com a chegada da IA generativa, compartilhamos nossa capacidade de linguagem com o mundo artificial. Inclusive, segundo as grandes especialistas Dora Kaufman e Lucia Santaella³, com quem tive o privilégio de conversar para este livro, isso é parte de todo o medo que envolvem as discussões sobre a IA e suas possíveis consequências para a existência humana.

Em seu artigo “A Inteligência Artificial generativa como quarta ferida narcísica do humano”, elas defendem que a IA representa um momento de ruptura na história. Para Freud, as “feridas narcísicas” foram eventos que abalaram a visão idealizada que a humanidade tinha de si mesma, revelando seus limites. Segundo o psicanalista, o ego humano sofreu três grandes golpes, conforme veremos a seguir.

² DAL PIVA, Tiago. Quando e por que os humanos começaram a falar. *G1 – Ciência e Saúde*, 27 jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/06/27/quando-e-por-que-os-humanos-comecaram-a-falar.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2025.

³ SANTAELLA, Lucia; KAUFMAN, Dora. A Inteligência artificial generativa como quarta ferida narcísica do humano. *MATRIZES*, v. 18, n. 1, p. 37-53, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/210834>. Acesso em: 9 ago. 2024.

1. O primeiro, provocado pela Revolução Copernicana, mostrou que o Universo não gira em torno de nós — somos nós quem giramos em torno do Sol.
2. O segundo veio com Darwin, ao revelar que não temos origem divina, mas compartilhamos ancestrais com outros primatas.
3. E o terceiro diz respeito ao inconsciente: segundo o pai da psicanálise, “não somos senhores em nossa própria morada”. Ou seja, não somos tão racionais, previsíveis ou donos de nossas escolhas quanto imaginamos.

No artigo citado, as autoras anunciam a quarta ferida narcísica: as máquinas passam a dominar a linguagem e a conversação, até então restritas aos humanos.

A superação no poder de repercussão do ChatGPT, em relação às outras aplicações de IA generativa, é explicável porque, enquanto a produção de imagens e vídeos afeta apenas um nicho da criação humana – aquele ocupado por profissionais que operam nos inumeráveis campos da visualidade –, o ChatGPT afeta quaisquer seres humanos na sua capacidade linguística (Santaella; Kaufman, 2024).

Ou seja, não apenas temos concorrência, como enfrentamos uma crise de habilidades que antes eram só nossas: estamos solitários, com dificuldade de conversar e de lidar com nossos afetos.

A capacidade de trocar informações e ideias é considerada uma de nossas maiores vantagens evolutivas. Sobrevivemos e prosperamos graças à troca de informações — grupos que conseguiam se comunicar melhor sobre fontes de comida ou como desenvolver ferramentas levaram vantagem.

Nossa maneira de conversar não só se modifica pelo contato com novas tecnologias — ela mesma é uma tecnologia.